

JOÃO ZAMITH



# COISAS RUINS



«How surely are the dead beyond death. Death is what the living carry with them. A state of dread, like some uncanny foretaste of a bitter memory. But the dead do not remember and nothingness is not a curse. Far from it.»

Cormac McCarthy, *Suttree*

# *Guimarães, 2017-2018*

## 1

### O funeral — Verão

O avô morreu. Ricardo não o amava, mas pensava nele amiúde. Crescer tinha sido fazer-lhe o luto, matá-lo em si e as partes dele que tinha dentro. Agora, cabia-lhe fazer um luto diferente, público, para uma pessoa que já tinha matado há muito. Talvez houvesse nisto alguma injustiça. O pai de Ricardo, Francisco, venerava o velho e estava despedaçado. O seu irmão, Miguel, tinha-o como referência maior e transformava-se mais nele com cada sol-posto. Sentados a alguns lugares de Ricardo no banco da igreja, olhavam em frente, dir-se-ia que cegos. Os últimos meses, de uma quase indiferença para Ricardo, tinham sido de um sofrimento atroz para os outros dois. Tinha virado a vida do avesso para proteger o patriarca até à última hora. Protegeram-no, esconderam os seus delírios da imprensa e cuidaram dos seus assuntos com uma dedicação nunca reciprocada em vida. Amá-lo-iam? É possível colorir a devoção em tons de amor. Mas não são sinónimos.

A família Viaforte via-se agora desprovida da sua força motriz, e Ricardo ansiava pela reorganização.

— Presta atenção — disse-lhe Catarina ao ouvido.

— Estou a tentar, mas o padre não pára de falar sobre Fariseus e Filisteus, e eu não os distingo.

— O padre está a falar de política.

— Eu disse que estava a tentar, não que estivesse a conseguir.

— Quem é aquela? — perguntou Catarina, apontando para uma mulher sentada ao fundo de um dos bancos, com um vestido preto e luvas de renda.

— É a minha tia Ricardina.

— Porque não a conheço?

— Eu próprio mal a conheço. Devo-a ter visto duas ou três vezes.

— Mas hoje veio.

— Que surpresa. E aposto que nem acredita que a morte do meu avô foi accidental. Na volta, foi ela.

Catarina deu-lhe uma cotovelada. Lamentava o azedume que os Viaforte traziam à tona nele. O ressentimento, quase ultrapassado noutras horas, a aflorar-lhe na pele. Ressentia-se das coisas mais normais. Ressentia-se de os visitar ao domingo. Ressentia-se de os ouvir contar as mesmas histórias cansadas. Ressentia-se de ser obrigado a chorar o avô. Conforme as palavras monótonas do padre ressoavam por entre os granitos, Ricardo ouvia a chave a rodar na porta do casarão da família. A mão a crispar-se sobre o metal, sabendo que uma vez rodado já não poderia voltar para casa tão cedo. Ao cruzar a ombreira da porta, o cheiro. Todas as casas têm um cheiro, e a nossa própria é a única exceção. O da casa dos avós tinha-se transformado nos últimos tempos. Tinha ficado mais pungente, como sopa prestes a azedar. Nenhuma daquelas pessoas tinha lá estado, dia sim, dia sim, como Francisco e Miguel. Nenhuma daquelas pessoas tinha visto como a decadência física e mental se confundiam na fase final. Nenhuma delas tinha encontrado Henrique ao fundo das escadas com o pescoço quebrado e o escritório transformado numa autêntica cena de desvario.

— Isto é uma quantidade horrorosa de pessoas — disse Catarina, voltando-se para trás.

— É uma merda, não é?

— De onde saiu esta gente toda?

— Sabes bem que o meu avô era da mais fina nata de Guimarães — disse Ricardo, com ironia. — Imagina daqui a duas semanas vir à baila que não foste ao funeral do Henrique Viaforte. Nem podias dar a cara no Café Óscar.

— O teu avô teria adorado.

Ricardo virou-se para trás, com discrição. A igreja de Nossa Senhora da Conceição não era a maior da cidade, mas o funeral teria sempre de ser ali. Henrique tinha despejado uma quantidade muito razoável de euros no bairro homónimo e na construção daquele novíssimo templo. Tinha cimentado a sua reputação de grande beneplácito da cidade com a mesma argamassa que sustinha os alicerces da igreja. Ricardo tinha vindo com ele inaugurar a réplica da *Pietà* que decorava o exterior do edifício. Tinha trincado a língua, enquanto Henrique, dentro do carro, orientava um dos seus lacaios na Câmara sobre como orquestrar os concursos que determinariam quem viveria no «seu» bairro.

— Diria que sim.

Catarina vinha de uma família disfuncional. Como todos nós. Não há famílias funcionais fora da imaginação de Tolstoi. O que ela não poderia nunca entender, no entanto, era o quanto a disfunção tem níveis. Ricardo não acreditava nem por um segundo que o seu amável e carinhoso sogro, que em plena posse de todos os seus defeitos amava a filha, pudesse alguma vez reproduzir o fel de Henrique Viaforte. A culpa de pensar estas coisas durante o funeral do avô, com o corpo ainda do lado de cá da terra, havia de lhe pesar mais tarde. Naquele momento, forçado a ocupar a primeira fila do luto, a fazer um teatro de sofrimento para o mundo, não a sentia.

— Acabou — disse Catarina, com mais uma gentil cotovelada.

— Merda.

— Ricardo.

— Eu sei.

As mais cuidadosamente curadas reputações da cidade dirigiam-se agora à família, deslizando para fora dos bancos de igreja como crude negro a escapar de um barril.

— O seu avô era um grande homem — disse uma senhora cuja cara Ricardo vagamente conhecia, num esgar de dor quase convincente.

— Sem dúvida, muito obrigado por ter vindo — respondeu ele, com um sorriso rasgado.

— Quando conheci o seu avô, em Montalegre, ele ainda era um jovem. Quem diria que viria a conquistar tantas coisas — disse outro senhor, de cuja cara não tinha melhor lembrança, com comiseração muito cerca do sincero.

— E tantas que foram. Muito obrigado por ter vindo — respondeu Ricardo, mantendo o sorriso no lugar.

— Certamente já ouviu isto milhentas vezes, mas o seu avô era a primeira pessoa com quem podíamos contar para qualquer coisa. Insubstituível — disse uma terceira senhora, ainda, cujas feições Ricardo já nem procurou associar a um nome, com uma tentativa de ânimo.

— E para nós ainda mais. Obrigado por ter vindo — respondeu ele, com o sorriso já a fraquejar. Ainda faltava uma legião de carpideiros e carpideiras.

Depois de percorrer todos os médicos, engenheiros, advogados, deputados municipais, presidentes e governadores do Rotary e do Lions Club, empresários da têxtil, empresários que não da têxtil e uma quantidade surpreendente (para ele) de pessoas sem qualquer peça de roupa da *Prada* ou da *Burberry*, Ricardo soçobrou.

— Estás bem?

— Preciso de apanhar ar. Vou fazer de conta que estou muito triste.

— Não me deixes aqui sozinha com o teu irmão.

— Demasiado tarde. Mamã, ficas com a Catarina um bocadinho? Preciso de um momento.

— Sim — disse a voz sumida de Elisabete, mãe de Ricardo, sem quase levantar os olhos.

— Odeio-te — disse Catarina, em surdina.

— Também te amo — disse ele, caminhando pela nave central da igreja.

Já não se considerava católico há pelo menos duas décadas, mas ter os pés naquele tapete vermelho e não se baixar perante o altar continuava a incomodá-lo. Parecia errado. Errado em cima de errado em cima de errado. Ao chegar à porta da igreja, o sol bateu-lhe como se tivesse corpo. As temperaturas da Guimarães de agosto não são particularmente funéreas. Ricardo percorreu rapidamente a distância entre a igreja e o centro social, começando a subir a rua e abrindo a gravata. Podia deixar finalmente de tentar simular tristeza e deixar a ansiedade fluir um pouco. Caminhou um pouco, sem rumo, até se deparar com uma alminha. Feita de granito, tinha ao fundo ainda o típico painel com as almas a tentar escapar do purgatório. Ricardo olhou o retábulo, antigo mas ainda muito colorido, protegido por várias camadas de grades de metal. Henrique tinha-lhe explicado aquilo tudo em criança. «É preciso olhar pelas almas», dissera ele. «É preciso encomendá-las.» As alminhas querem-se na beira da estrada, como esta, em lugares de passagem. Elas governam a nossa liminaridade, a nossa transição entre a vida e a morte.

Ricardo suspirou. À frente do painel, estavam umas dez velas. Quase não cabiam no pequeno retábulo. Ainda havia muito quem acreditasse no poder da espiritualidade. Na possibilidade de lhes pedirmos para orientarem a nossa vida. De nos protegerem. «A morte é só uma passagem, Ricardo. E se não passarmos, não nos podemos purificar. E tudo o que é impuro tem poder.» Que coisa tão estranha para se dizer, pensara Ricardo na altura. Que coisa tão estranha para se dizer, pensava Ricardo agora.

— Onde anda a tua filha? — disse uma voz nas suas costas.

Atrás dele estava Sérgio. O padre Sérgio, agora? O senhor prior? Já não falava com ele há muitos anos.

— Não quis vir e não a quisemos obrigar.

Sérgio não respondeu. Tirou do bolso do casaco um torrão espanhol, comprado de propósito na cidade, no Froiz, que sabia ser o favorito de Ricardo desde a universidade.

— Já não fica bem pagar-te shots, mas talvez possa contribuir assim para uma indulgência mais razoável.

— És especialista em indulgências?

— Dentro dos limites do possível.

Ricardo assentiu e caminhou com Sérgio até ao Real Plazza, o snack-bar perfeito para pecados de fim de tarde. Puxaram de duas cadeiras e sentaram-se.

— Ninguém se vai preocupar com a tua ausência?

— Não. A Catarina está lá. Ela é melhor do que eu nestas coisas.

Sérgio ergueu uma sobrancelha.

— Sabes que é — continuou Ricardo.

— Como é que ela está?

— Melhor. Acho. Nos últimos anos as coisas foram... encontrando o seu ritmo.

— E tu? Já não falo contigo...

— Há uns bons dezassete anos.

— Certo.

Sérgio parou durante um segundo, deixando que o torrão se desfizesse na sua língua, o doce, a amêndoa. Não sabia que para Ricardo aquele era um sabor antigo, de quando os pais iam a Espanha pelo Natal e vinham com banda desenhada do *Zipi y Zape*, torrão e *gaseosa*. A última vez que tinha visto Ricardo fora no Campo Grande, em Lisboa, e ficara a saber que Catarina estava grávida e se iam mudar para Guimarães.

— Fui colocado aqui — disse alguns segundos depois, chegando a Ricardo o pacote de torrão.

— Como assim, foste colocado aqui?

— Nas Taipas, especificamente. O padre morreu.

— Extraordinária coincidência. Pensava-te aqui por uma morte diferente.

Sérgio sorriu com os olhos. Movimentava-se por entre duas vidas, dois tempos, perdido entre ambos e com um pé de cada lado. Não sabia se Ricardo também, ainda que tivesse as suas suspeitas. A possibilidade de transporem o véu e acabarem a viver no antes era real. Pelo menos para ele, pelo menos sozinho.

— Queres mesmo discutir timings comigo? — disse, finalmente.

— Vai-te foder.

— É contra os meus votos, tecnicamente.

Ricardo sorriu.

— Tive saudades tuas.

— Podias ter ligado.

— Tu também.

— Eu estive com Deus este tempo todo, e o Senhor é ciumento.

— Quando vens para cá?

— Já vivo em Guimarães há seis meses. Vi o obituário do teu avô e decidi vir despedir-me. Não tencionava falar-te. Depois vi a tua retirada estratégica e ocorreu-me que precisasses de acompanhamento espiritual.

— Muito muda em dezassete anos, mas não tudo.

— Não, não tudo.

— E então, achas que, tanto tempo volvido, já és capaz de encarar a minha mulher? Ela vai gostar de saber que estás cá.

— Ela já sabe.

## 2

Antes de entrar na escola, Mariana recolhia sempre ao saguão do edifício principal para respirar fundo duas vezes. Estava a entrar no outro mundo. No mundo em que não era o empecilho, mas sim a Viaforte. A bisneta de Henrique Viaforte, o titã da indústria, o fundador da Viatextil, o senhor comendador, o antigo deputado pelo PSD no pós-25 de Abril, o dono da Linha Principal, a maior e mais importante promotora e editora de música do país. A neta de Francisco Viaforte, a sua sucessora e delfim, cuja vida privada estava em plena implosão ante toda a cidade. A filha de Ricardo Viaforte, a ovelha negra, o único pobre da família. Era tudo isto dentro de um corpo de 16 anos. E tinha de o ser em cada passo que dava. Em cada gesto. Em cada olhar. A impreparação, pagava-a cara, os deslizes também. Qualquer fogacho de atração seria tópico de grupos de WhatsApp, se tivesse sorte. Com azar, haveria um vídeo editado a queimar terreno pelas entranhas do Facebook. Qualquer segredo sumarento sobre a família que lhe escapasse dos lábios chegaria à tertúlia do chão de fábrica em menos de 48 horas. Era uma quase-celebridade de cidade pequena, uma forma ingrata de o ser, com todas as inconveniências e quase nenhuma das vantagens.

*Allons-y*, pensou.

Subiu a rampa na direção da escola com olhos piscos. A luz do sol da manhã batia na fachada branca do edifício mais recente

da escola e refletia, criando um icebergue de janelas. Poucos metros à frente estava Patrícia. Tinha amigos dos bons tempos, muitos, e amigos dos maus, menos. Patrícia era a única amiga de sempre. Falava alto, tinha o cabelo cor-de-rosa, e era de Infantas, uma pequena aldeia nas cercanias.

Nunca tinha ouvido falar de um Viaforte antes de Mariana e não tinha ponta de interesse naquilo que a mãe de Mariana descrevia como «o jet seis vimaranense». Porquê «jet seis»? Porque para almejar a jet set é preciso estar numa cidade com aeroporto.

Perguntou-lhe pelo fim de semana, queria saber tudo. Queria saber se o pai de Mariana continuava a esgueirar-se ao fim da tarde e à noite com tanta regularidade. Queria saber da cadela. O ímpeto de interesse de Patrícia por Mariana era uma experiência sempre inesperada, apesar de nunca mudar. Mariana queria contar, mas não sabia encontrar as palavras. Ansiava pela capacidade inata de Patrícia para se despejar na direção dos amigos, mas quando chegava a hora de expressar o que sentia sobre os novos hábitos de flâneur do pai ou sobre os terrores noturnos da mãe, mantinha tudo dentro. Vinha de um contexto de surdinas e gestos intemperados, portas a bater e piadas sardónicas. O espaço para as palavras era curtinho. Patrícia parecia-lhe demasiado leve, com segredos nenhuns a prendê-la à terra. Queria estender a mão para dentro do seu peito e sentir se era mesmo assim, se não havia ali nenhum novelo indizível. Conseguia apenas:

— Ya, o meu pai volta e meia continua a simplesmente... bazar. Às vezes deixa o telemóvel em casa e não aparece até de manhã. E é um mega stress porque ele não quer que se saiba nem se fale na cidade.

— E ele anda a fazer o quê?

— Não sei. Ele diz que anda bué pressionado no trabalho e precisa de fazer horas a mais e não sei quê, mas, também, se a gente disser que passa por lá, ele frita e diz que não.

— Sem querer ser má onda, será que ele 'tá... tipo... à tua mãe?

Mariana não respondeu. Depois disse que não. Impunha-se dizer que não. O «não» era a única possibilidade de real admissível perante alguém de fora. De dentro, no entanto, não sabia.

— A minha mãe preocupa-me mais — disse, já enquanto entravam na sala.

Dirigiram-se para o fundo, como sempre. Longe do olhar do professor, da atenção dos colegas, atentas apenas ao absolutamente necessário para conseguir estudar em casa.

— O que foi? O que tem a tua mãe? Está bem?

— Oh, pá, ya. Está. Está tranquila, acho eu.

— Então?

— Nada, deixa lá.

Patrícia nunca insistia quando era assim. «Deixa lá», e ela deixava. Patrícia podia ser leve, mas não era insustentavelmente leve. As palavras de Mariana pesavam mais do que as das outras pessoas. Eram de material menos maleável. As palavras da professora, essas, eram de vento.

— Patrícia? — disse, da frente da sala.

— Desculpe, professora.

*o q vamos fazer depois?*, escreveu, cansada de olhar para a janela. Passou o caderno a Mariana.

*Tenho de ir visitar a minha bisavó.*

*aonde?*

*Ao lar.*

*desde qd é q ela tá internada?*

A escrita das duas ia-se estendendo ao longo do quadriculado. A letra de Mariana era quase de primária, ligada e elegante.

A de Patrícia, pouco praticada, era um gatafunho em letras grandes. Mariana achava-a bonita. Ficava contente sempre que a via, e o que mais será a beleza senão isso? Pegou no telemóvel e viu as horas. A aula só tinha começado há vinte minutos e já tinha desistido de aprender ali. A ansiedade formigava-lhe pelos braços e pelas pernas, o duplo suspiro ao entrar na escola começava a revelar-se insuficiente como paliativo. Precisava de aprender a estar em sociedade depois da morte do avô e do crescer avasador da pressão, mas isso teria de vir com o tempo. Agora era hora de testar ligeiramente os limites da paciência de professores e pais. Pegou no caderno de Patrícia e escreveu: «Alinha.»

— Professora? — disse, de braço estendido.

— Sim?

— Desculpe estar a interromper a aula, mas preciso de sair. A minha bisavó teve uma série de enfartes cerebrais e preciso de a ir ver.

— Ah, uau. Claro. Faça favor, Mariana, vá à vontade.

— A professora importa-se que a Patrícia venha comigo? Não queria ir sozinha.

— Não tem problema algum.

Arrumaram as coisas e saíram debaixo dos olhares telescópicos de uma turma inteira, sempre salivante por um babado exclusivo. As ruas brancas de calçada portuguesa refulgiam felizes sob as solas das sapatilhas das duas enquanto se dirigiam ao Toural.

— Com que então enfartes cerebrais... — disse Patrícia, conforme se sentavam na esplanada da Clarinha com um gelado de máquina.

— Não menti.

— Oh. — disse Patrícia, sardónica.

— Não menti. A minha bisavó teve mesmo uma série de enfartes cerebrais. Eu tenho de ir vê-la. E não quero estar sozinha. Tudo factos. Zero controvérsia.

— Tu nunca te importaste muito de estar sozinha.

— Ya, as coisas estão mais merdosas do que é habitual — disse, lambendo o gelado.

— Devíamos fazer uma festa.

— Lol, não. — Mariana era a única pessoa na vida de Patrícia que dizia «lol» alto. E resultava. — Só tu. Por favor.

Patrícia corou. Mariana fez de conta que não reparou.

— O que aconteceu à tua avó? Nunca me contaste.

— Bisavó. E pá... É uma velha mesmo marada. Eu tenho uma relação muito esquisita com ela. Ela parece que, tipo, odeia o planeta inteiro. Tipo, toda a gente. Ninguém é bom o suficiente. Mas eu sou uma princesinha perfeita. Tudo o que eu fazia estava sempre bem.

— Isso deve ser bué estranho.

— Mesmo. Ela aos gritos com o meu bisavô e com o meu avô... Não tás a ver! Na casa de Montalegre? Ui.

— Mas, tipo, o quê?

Mariana não queria responder. Associava a casa dos Viaforte em Montalegre, escondida por entre as montanhas, ao avô. Tinha um jardim extenso, semeado de buganvílias que floriam nos meses quentes, quando a família toda lá ia ter. Era uma casa demasiado ampla, com os espaços a estenderem-se uns para dentro dos outros, sem gente dentro. Longe de tudo e de todos, ninguém sabia os segredos daqueles vãos de escada. Muitas das memórias de Mariana daquela casa eram dos seus sons. Dos seus ecos. De gritos ao longe, cochichos dos empregados e calmarias inesperadas, desassossegantes, interrompidas de repente.

Não trazia de Montalegre qualquer memória má. Ou má, a sério, pelo menos. Conforme se fora tornando adolescente, e Ricardo fora espaçando mais as visitas ao campo, começou a suspeitar que seria a única.

O Lar das Camélias era uma confusão entre um hotel de luxo e uma instituição médica. Com paredes envidraçadas ao longo de toda a fachada, parecia um moderno prédio de escritórios. Na verdade, com mais ou menos berloques, era onde as pessoas iam acabar. Leonor foi até à bisneta de cadeira de rodas, guiada por uma assistente de bata azul-bebé. Parecia pequena. As pernas magras. O cabelo, sem as doses generosas de laca, caía-lhe lânguido pelos ombros. A pele, sem cuidados de maquiagem, estava branca como a cal.

— Mariana — disse. — E Patrícia.

— Olá, dona Leonor, lembra-se de mim?

— Claro que lembro. Esse cabelo — disse, acenando vagamente na direção do rosa.

— Pois.

— Mas não tem mal. Desde que te faça feliz.

— Faz, sim. Se quiser, também lho pinto.

Leonor não respondeu. Apenas acenou com a mão.

— E então, bisa? Como te têm tratado? — disse Mariana.

— Não é como estar em casa. Nada disto é meu. É como viver numa estalagem.

— E isso não é incrível?

— Não.

Passaram mais uns segundos. Corria uma brisa pela frincha da porta. Os olhos azuis de Leonor não se fixavam em nenhuma das raparigas, fitando o fundo do jardim. Olhavam as formas ondulantes do outro lado dos vidros foscos do edifício.

— O pior são as visitas — continuou, finalmente. A sua voz era a mesma de sempre, mas o volume nunca passava de um rumor. — Constantemente dentro do meu quarto, a entrar e a sair. Falam muito. E eu estou muito cansada. Sua Majestade já lhes pediu para pararem de vir, mas insistem.

— Sua Majestade? — perguntou Patrícia.

— A bisa é visitada muitas vezes pelo rei de Portugal — disse Mariana, arregalando os olhos para Patrícia. — O sucessor é o meu pai, que deve ser coroado em breve.

— A sério?

— Hum-hum.

— E não deveria ser o teu avô? Sei lá.

— O Francisco é fraco — disse Leonor. — A cara branca vai levá-lo a seguir.

— A cara branca — atalhou Mariana — foi quem levou o meu bisavô. A bisa fala com a cara branca todos os dias.

— Não todos. Quando vem. Não é sempre — disse Leonor, já com os olhos semicerrados. A voz era pouco mais que um fio.

Patrícia ouvia tudo atentamente. Não tinha nunca estado com alguém naquele estado. Era difícil de entender onde começava a fantasia e acabava a realidade. Aparentemente, Leonor falava com lucidez.

— Bisa, conta à Patrícia como morreu o avô Henrique.

— Foi num acidente de avião, há trinta anos. Ele era piloto da RAF, um herói. Tão bonito. Os alemães não lhe deram hipótese.

Num filme, Patrícia ter-se-ia rido. Mas Mariana não estava feliz.

— Não tinha sido num túnel nas Ardenas?

Leonor abriu os olhos. Pela primeira vez, pareceu claro a Patrícia que estava confusa. Não respondeu.

— Estou cansada — disse, finalmente.

Mariana levantou-se e foi buscar a enfermeira. A artificialidade da boa-disposição com que o pessoal tratava os pacientes naquele sítio fazia-lhe espécie. Falavam com os idosos como ela falava com *Hedwig*, a sua cadela. Com voz alta e animada, palavras simples e infantis. Mariana não sabia nada daquele tipo de cuidados, mas sabia uma coisa: se Leonor estivesse sã, nunca o permitiria.

### 3

Catarina olhou para a filha, talvez para além da filha. Sentada na beira da cama, ouvia-lhe a respiração pesada, o sono a acumular-se-lhe sobre o corpo. Queria ter aquela paz. Ricardo ainda não tinha chegado. Ele tinha amigos em Guimarães, ela não, mesmo tantos anos após a mudança. Seriam só amigos? Nunca tinha suspeitado de Ricardo, mas ele chegava cada vez mais tarde a casa. Na sua ausência, aquela casa era um país estrangeiro. Cansado, sempre cansado, aflito por uma pressão qualquer que ela não sabia de onde vinha. Sentia-se desamparada, não de um casamento mas de uma vida inteira. Para onde iria se acabasse? Com quem? Para quê? Por miserável que fosse a sua vivência, a alternativa afigurava-se-lhe como um vazio total. Remetia-se cada vez mais ao silêncio, incapaz de encontrar soluções nas palavras. Tinha-se colocado à mercê dele, dos seus contactos, dos seus lugares, da sua família.

Quem era aquela filha, sequer? Aquela criatura de Henrique, Francisco, Ricardo e Miguel, criada debaixo da asa dos machos, sem nada de si dentro. Mariana olhava-a, mas não a via. Era a sua mãe, mas era um corpúsculo estranho, uma inútil não-Viaforte colada como um mexilhão à quilha de algo muito melhor e mais importante. Amara a ideia dela com uma luz clara, tornada baça pela realidade comezinha de uma adolescente cada vez menos precisada de si. Cada vez menos interessada em si. Cada vez menos sua.

Saiu do quarto de Mariana, o mais pequeno dos dois, e dirigiu-se para o teclado, relíquia de uma pessoa anterior que já não vivia dentro daquela pele. Um *CASIO* no canto da sala, lembrete permanente de uma carreira desaparecida sem substituto à vista. Abriu o caderno e a voluta de pó e foi como uma reprimenda do universo. Já não derramava ali uma canção há mais de um ano e mesmo essa tinha sido um tímido sucedâneo. Leu, ainda assim, as últimas notas. Uma composição em escala menor, balada triste para um musical que ninguém havia de escrever. Olhou a porta de Mariana. Dormia. Conseguia ouvi-la.

— *Hedwig* — disse à cadela que vigiava a porta com atenção —, acho que se tivesses tantas saudades minhas como dele, tudo isto seria mais fácil.

A cadela bocejou e voltou a encostar-se ao braço da poltrona, de nariz virado para a porta. Estava velhota e sempre coxeava, desde que Ricardo a tinha pisado no primeiro dia depois de a adotarem. Agora subia com dificuldade para o sofá. Sempre o tinha preferido a ele. Nunca lhe tinha custado muito esse ciúme, mas agora talvez um pouco.

Catarina suspirou e pousou as mãos sobre o teclado. Começou a tocar, acordes simples, melodia de memória. Temeu pelos vizinhos e pegou nos auscultadores, pesados e quentes, que lhe deixavam as orelhas vermelhas. Voltou a tocar. Sentia os dedos lentos sobre as teclas, desobedientes, a falhar as minúcias por uma fração de segundo. Alguma vez voltaria a ter a agilidade de antes?

Parou.

Recomeçou.

Tentou entrar na música, sair do corpo, regressar a quando se conseguia pôr nas melodias emocionais da angústia adolescente. Era um sentir menos maduro, mas igualmente autêntico. Improvisou sobre a estrutura básica, mudou de tom, tentou lembrar-se de como deixar fluir. A sala ficou onde estava. Nem a música nem Catarina mexeram com o silêncio. Para além dos auscultadores, nada.

Perdida no som, pareceu-lhe ouvir o ruído de uma porta a bater. O *tic tic tic* coxo de *Hedwig*, com a sua patinha torta. Alguém tinha entrado no quarto e a cadela fora atrás. Levantou-se e ainda foi a tempo de ver Ricardo a tirar as calças.

— Estás em casa?

Ele olhou-a de cima a baixo.

— Evidentemente?

— E nem dizes nada?

— Estavas entretida, não quis incomodar.

— Acho que tive umas ideias boas. Queres ouvir?

— Hoje não, Catarina. Já é tarde.

— Então, quando?

Ricardo libertou todo o ar que tinha no peito. Catarina sentia o exaspero dele como um ataque pessoal. Cada vez era preciso menos para o espoletar. Não era preciso discutirem. Não era preciso teimar. Não era preciso sequer demonstrar carência. Bastava exigir uma réstia de atenção, um reconhecimento mínimo da sua validade como ser humano.

— Sinto que «amanhã» não vai ser uma resposta satisfatória.

— Depende do quão verdade for.

— Catarina, são três e meia da manhã, temos mesmo de ter esta discussão agora?

— Eu não estava a tentar ter nenhuma discussão, só queria que tivesses o mínimo de interesse nas coisas que são importantes para mim. Supostamente, viemos para Guimarães por causa da minha música, da minha carreira.

— Não, tu queres discutir — disse ele, erguendo-se da cama. — Tu queres discutir porque és infeliz e queres partilhar essa infelicidade comigo. Estás triste por eu gostar de viver aqui, ressententes-te por eu gostar da nossa vida, por a minha carreira existir e por não estares a conseguir atingir nenhum dos teus sonhos. Como se a culpa fosse minha ou do meu avô. E, no entanto, por incrível que pareça, eu sou o teu marido, não a merda do génio

da lâmpada, e não é competência minha obrigar-te a ser feliz. Queres que eu vá ouvir um improviso às três e meia da manhã? Não. Treta. Aposto que nem sequer apontaste uma única nota. Tu estás a pedir-me isso porque sabes que obviamente estou cansado, obviamente não o quero fazer, e obviamente não vou dizer-te o que queres ouvir, que é «uau, Catarina, isto é genial, totalmente diferente das outras vezes em que tocaste vinte minutos depois de três meses sem ensaiar, grava isto depressa para eu levar ao meu pai e te conseguir um contrato na Linha Principal». E assim podemos discutir. E conseguiste. Estamos a discutir. E agora tu vais continuar triste, mas eu vou juntar-me a ti, e portanto, ao menos, não vais estar só. Parabéns!

Catarina tinha prometido a si própria que ele nunca mais a faria chorar. Fora uma promessa com aspirações à eternidade, mas durara apenas umas semanas. A única dignidade que conseguiu salvar foi não lhe ter dado o prazer de ouvir uma resposta. Virou costas e voltou para a sala.

\*

Na manhã seguinte, Ricardo acordou numa cama vazia. Sem surpresa. Era uma nova forma de habitual. Catarina levantava-se a meio da noite, ia para a sala e não voltava. Dormitava no sofá, via televisão, lia. Noutro momento do seu casamento, Ricardo perguntar-lhe-ia porquê. Por aquela altura, sabia que independentemente do real motivo, a resposta seria sempre uma nota de culpa. As suas discussões com Catarina já não procuravam resolução. Resumiam-se a um digladiar de invetivas com o propósito de ferir o costado do outro. Acabavam, mal um sangrasse o suficiente para se retirar. Ricardo tinha conseguido uma vitória sem mácula na noite anterior.

Naquele dia, encontrou-a na varanda. Estava vestida e maquilhada. Fumava um cigarro. Tanto quando Ricardo sabia,

tinha deixado de fumar quando engravidara. Dirigiu-se ao frigorífico e tirou uma garrafa de sumo enquanto espreitava o telemóvel. Tinha várias mensagens no Tinder, que imediatamente escondeu enquanto olhava por cima do ombro. Catarina não se tinha mexido.

— Levas a cadela lá fora enquanto faço o pequeno-almoço?  
— perguntou.

— Já levei — respondeu Catarina.

*Hedwig* espreitou do sofá.

Ricardo cozinhou duas tostas mistas em silêncio e levou-as para a mesa com uma caneca de café instantâneo.

— Tu não tomas café — disse Catarina, entrando da varanda. Não trazia nenhum cigarro na mão. Ricardo presumiu que houvesse um cinzeiro secreto lá fora, que já teria descoberto há muito se simplesmente limpasse, como Catarina lhe pedia repetidamente.

— É para ti.

— Tive aquele pesadelo outra vez.

— Daí o cigarrinho?

Catarina queria responder-lhe. Era evidente. Via-se o quanto lhe queria responder em cada fibra do seu ser, mas o cansaço foi mais forte.

— Olá, progenitores — disse Mariana, de dentro de uma camisa de noite. Tinha o cabelo arrebanhado em dois totós e cara de quem tinha dormido apenas meia dúzia de horas.

— Obrigada por não me forçares a acordar-te — disse Catarina.

— Acredita que também não é fixe para mim.

— Acredito.

— Café *café*?

— Podes tomar — disse Ricardo. — É para ti.

— Café!

— E podes comer também as tostas. Acho que a tua mãe não as quer.

— E depois vou despedir-me de vós à porta. Ides ver que linda filha sou.

— Tu também vens — disse Catarina.

— Mas eu já fui à missa.

— Quando? — disse Catarina, olhando para o relógio.

— Algures em 2012?

— Menos, Mariana.

— Os avós vão?

Catarina olhou para Ricardo.

— Não devem ir, não — respondeu ele.

— O que se passa?

— Nada — disse Ricardo. — Os teus avós estão a passar um mau bocado com a bisa e a morte do avô Henrique. Não se passa nada. Eles vão ficar bem. Só precisam de um bocadinho de tempo.

Mariana pegou na tosta mista e trincou mais um bocado. Depois, conforme Ricardo se dirigia de novo ao quarto para tomar banho:

— Porque é que mentes?

Entravam pelas frestas do confessionário poucos raios de luz. Alumiam as mãos de Catarina, que contorcia as alças da carteira e o tecido da saia, no qual se notavam, no brilho da manhã, duas pequeníssimas manchas já diluídas pela lavagem. Do outro lado, Sérgio encostava-se contra o escuro do fundo da cabine, procurando não ver nem ser visto.

Catarina tinha tantas saudades de Sérgio que tinha alguma dificuldade em manter-se do lado certo do confessionário. Queria rasgar as paredes de madeira, quebrar todas as regras do mundo secular e do da Igreja, confessar-lhe todas as suas dores e pedir-lhe ajuda. Pedir-lhe por caridade, por bondade, por pena, se nada mais restasse. Queria humilhar-se, rastejar para fora de todas as humilhações que se tinham consolidado como uma segunda pele sobre a sua. Mas não conseguia. Tentava falar e não conseguia sequer chegar àquele fatídico momento em que o som não nos sai da garganta. Não conseguia sequer forçar-se a essa fisicalidade.

Seria aquele Sérgio ainda Sérgio? O verdadeiro? O carneirinho de antes? O patetinha inocente que tinha acreditado nela quando isso era possível? Vinha-se esgueirando para as Taipas para lhe ouvir a missa há meses, e trocavam umas palavras de circunstância quando fazia sentido, uns salamaleques cheios de calorias vazias e pouca nutrição. Notava-lhe no olhar a preocupação, a ânsia de saber mais (seria isso?), mas não se atrevera ainda a falar.

Ainda.

— Desculpa — disse Catarina, finalmente.

— Isto é um espaço seguro. Podes falar do que quiseres. Tenho todo o tempo do mundo. Cada vez menos gente se confessa, não sou assim tão concorrido.

— Tu és o meu padre, não o meu psiquiatra.

— Muito me honra que me consideres sequer o teu padre. Deve ser chato teres de fazer a N101 para todas as missas, mas é um imenso prazer para mim. Não te esqueças, no entanto, de que, antes de tudo isso, sou teu amigo. Este casinhoto de madeira devia apagar isso, mas não apaga. Sou eu aqui, ainda, só com uma camadinha de regras.

— E ordens.

— E votos, que é o mais chato.

— Sérgio.

— Vamos fazer uma coisa. Vamos sair daqui. Vamos para o meio da igreja ou passear pelo parque. Isto não é uma confissão.

Saiu do confessionário para o chão de granito da igreja. A igreja matriz das Caldas das Taipas era uma igreja pequena e moderna com limpas paredes brancas e decoração exígua. As Taipas eram uma vila entre as cidades de Guimarães e Braga, cheia de vida. Todos os domingos a igreja se enchia de gente à espera de um dia soalheiro nos parques, na praia fluvial ou nas esplanadas dos restaurantes. Catarina sentia-se mais exposta ali, apesar dos curtos metros de nave, do que se estivesse numa catedral grande e turística. Qualquer pessoa que entrasse pelas portas altas iria ver que conversava com o padre. Talvez estando uns quilómetros fora de Guimarães pudesse prevenir que a urbe inteira soubesse que Catarina Viaforte tinha virado beata.

— Onde está o Ricardo?

— Lá fora, a passear a cadela e a Mariana.

— Porque é que ele não vem?

— Sei lá.

— É verdade que ele anda outra vez na vadiagem?

Catarina enrubesceu.

— Já chegou até ti?

— Tudo chega. É uma cidade pequena.

— É só para me provocar. Acho eu. Espero eu. Cada um de nós tem a sua maneira de lidar com tudo isto... Aparentemente, eu virei-me para a fé.

— OK — disse Sérgio, correndo os dedos pela cana do nariz.

— Chega. Vocês são impossíveis, os dois. Chega. O que é «tudo isto»? Considera que estás protegida pelo segredo da confissão e conta-me lá o que é assim tão dramático.

Catarina olhou para a porta. A missa já tinha acabado há duas horas. Não havia vivalma.

— O avô do Ricardo morreu. A família está de luto.

— Certo.

— A avó dele perdeu o juízo. Está enfiada num lar, obcecada com figuras macabras, sem feições, que supostamente a visitam. «Caras brancas», diz ela. E com a monarquia portuguesa. Quer fazer do Ricardo rei. Acha que o marido foi assassinado, ainda que a história varie constantemente e nunca consigamos ter um culpado fixo. Muitas vezes é essa tal figura sem expressão que a visita.

— Certo, sei disso tudo.

— Como?

— As pessoas falam. As da tua família também.

— Enfim... E o pai do Ricardo... Ele não está a lidar bem com nada disto, e o lunático do Miguel não ajuda. Lembras-te do Miguel? O irmão do Ricardo? Ele... Oh... Ai, não sei. Não devia ser eu a contar-te isto. Não. Repara, para mim, para o que me afeta a mim, o que precisas de saber é que o pai dele não está a lidar nada bem com isto. Está a pôr uma pressão muito grande sobre o Ricardo e ele parece outra pessoa. Não o reconheço. Acho que ele me vai deixar.

*Verdade*, pensou Sérgio.

— Porquê?

— Não sei.

*Mentira*, pensou Sérgio.

— Os dramas barrocos da família Viaforte deixariam qualquer pessoa de cabeça perdida. Talvez eu possa intervir. Os pais do Ricardo, o Francisco e a Elisabete, sempre me respeitaram, já os conheço há muitos anos. Talvez possa inundá-los com a luz do Senhor e orientá-los para melhor O servir, ámen. Mas diz-me. Diz-me de verdade. É tudo?

— Basicamente.

*Mentira*, pensou Sérgio.

Do alto de um penedo de granito, Ricardo observava *Hedwig*, trôpega, a tentar chegar ao rio Ave. Tinha um gingar próprio, com a sua pata torta, que enternecia Ricardo mesmo nos momentos de maior cansaço. Quando era nova, corria na mesma, tropeçando e dando tombos aparatosos. Agora, já envelhecida, protegia-a de aventuras pouco recomendadas à saúde da anca. Não conseguiu chegar ao rio. Desistiu. Ricardo sorriu.

Era um bálsamo estar ali. O rio corria ligeirinho por entre as várias zonas ajardinadas que separam as Taipas da vila vizinha, Vila Nova de Ponte. O ar vinha fresco, carregado pela água, e as árvores iam crescendo nas margens, aproveitando aquela nesga de terreno para medrar sem a pulsão civilizadora dos prédios de apartamentos. Ricardo sentou-se num banco comprido ao longo do rio e observou Mariana, igualzinha a si, também perdida nos seus pensamentos a olhar o rio.

Tinha saudades de quando a vida era mais assim. Temia a vibração do telemóvel como um condenado teme o toque do sino. Queria que Catarina ficasse a confessar-se com o seu antigo amante durante mais duas horas, para ser ele a poder absorver

umas boas goladas da miséria excruciante da mulher, deixando menos para o regresso a casa.

Olhou para o telemóvel, ainda assim, sem energia para resistir ao vício. Podia ser Maria a chamá-lo. Vinha ignorando as chamadas e mensagens de outras pessoas.

— A avó está a ligar — disse Mariana.

— Atende, então — respondeu Ricardo.

Assobiou. *Hedwig* olhou, obediente. Confiava mais na cadela do que em qualquer ser humano, mas ainda assim temia perdê-la. Sempre. Todos os passeios e independentemente da idade.

Mariana afastou-se uns metros enquanto ouvia a avó. Estava de voz entrecortada. A ligação também não ajudava.

— Papá, temos de ir. A avó não está bem — disse.

— Então?

— Não sei. Qualquer coisa com o avô. Diz que tens de atender o telemóvel quando te liga «nesta fase» — disse Mariana, fazendo o gesto das aspas com a mão.

— Foda-se — disse Ricardo, bufando. — *Hedwig*! — gritou.

Do leito do rio, os olhinhos pretos da cadela pediram desculpa. Tinha-se distraído. Deitou a língua de fora e começou a regressar.

— Anda embora — disse Ricardo, agora impaciente, já com a trela na mão. Passou-a para Mariana. — Prende-a, eu vou buscar a tua mãe.

Caminhou em passo estugado até à igreja, trepou as escadas defronte com três saltos e espreitou pela porta grande de madeira. Catarina e Sérgio estavam nos bancos da frente, a conspirar de cabeças juntas. Parou um segundo, mas apenas um segundo. Imediatamente voltou-se para trás e sinalizou o carro para Mariana, que vinha com *Hedwig* debaixo do braço.

— A tua mãe fica. O senhor prior depois leva-a para Guimarães.

Entraram no carro e Ricardo girou a chave. Arrancou com um solavanco, sem pôr o cinto, e deixou o carro ir abaixo. Tornou a rodar a chave e zarpou no sentido da nacional.

— OK, chega, não? Acho que chega. Podes dizer-me porque é que 'tamos todos a ser mesmo *bué* esquisitos? O que é que tem o avô? — disse Mariana.

— Suspeito que vais descobrir.

«NÃO DEVERIA TER MEDO?, PERGUNTOU-SE MARIANA ENQUANTO SE APROXIMAVA PARA TIRAR FOTOGRAFIAS MAIS DETALHADAS. SENTIA NO AR QUE SIM. SENTIA O FRIO E A QUIETUDE DO SUSTO. SABIA MUITO BEM QUE TIPO DE ACORDES MENORES ESTARIAM A TOCAR PARA O PÚBLICO NA SALA DE CINEMA SE VIVESSE NUM FILME. TENSÃO, TENSÃO, TENSÃO.»

A família Viaforte, nome consolidado da burguesia industrial do Norte do país, perde o seu patriarca, Henrique Viaforte, homem temido e reverenciado em igual medida. A sua morte repentina deixa o seu império familiar e empresarial ao desgoverno.

A família tenta adaptar-se à sua ausência e regressar a uma normalidade possível, mas a sua morte traz ao de cima segredos antigos, e em breve ninguém estará a salvo das suas consequências, por mais infernais que sejam.

Numa história sobre trauma, fé e redenção, *Coisas Ruins* entrelaça *folk horror* com mística religiosa num cenário familiar português, servindo-se de seres ainda bem presentes nas crenças populares portuguesas, cujas manifestações aterrorizam tanto crentes como não crentes.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-503-4



9 789895 835034